





**LEAH JOHNSON** é escritora, editora e eterna moradora do centro-oeste dos EUA, no momento fazendo hora extra em Nova York. Formada pela Universidade de Indiana e com um mestrado pela Sarah Lawrence College, ela atualmente leciona escrita criativa. Quando não está escrevendo, você pode encontrá-la no Twitter ([@byleahjohnson](https://twitter.com/byleahjohnson)), onde ela fala sobre cultura pop e política. *Espera até me ver de coroa* é seu primeiro romance.

# SUMÁRIO

*Pular sumário [ »» ]*

## Semana zero

Um

Dois

Três

Quatro

## Primeira semana

Cinco

Seis

Sete

Oito

Nove

Dez

Onze

## Segunda semana

Doze

Treze

Catorze

Quinze

Dezesseis

Dezessete

Dezoito

Dezenove

Vinte

Vinte e um

Terceira semana

Vinte e dois

Vinte e três

Vinte e quatro

Vinte e cinco

Vinte e seis

Vinte e sete

Quarta semana

Vinte e oito

Vinte e nove

Quinta semana

Trinta

Trinta e um

Trinta e dois

Trinta e três

Trinta e quatro

Sexta semana

Trinta e cinco

Trinta e seis

Trinta e sete

Trinta e oito

Trinta e nove

Agradecimentos

Sobre a autora

Notas

Créditos

**PARA A MINHA MÃE**

*tudo o que sou é porque você é*

*“O lugar no qual vou me encaixar  
não vai existir até que eu o crie.”*  
— James Baldwin

# SEMANA ZERO

Dizem que coisas boas acontecem para quem vai atrás delas.



## UM

**Seguro a bandeja com as duas mãos,** torcendo para que Beyoncé me dê forças para chegar à minha mesa de sempre sem nenhum incidente.

Estremeço só de pensar em um escorregão que me cobriria de molho ou numa jornada que terminaria comigo no colo de um dos caras da equipe de luta. Ou, pior ainda, um vídeo da queda ficando famoso no Campbell Confidential, o app de fofoca parecido com o Twitter que alguns alunos do último ano criaram há alguns anos e que virou o meu pior pesadelo. Fico feliz de pensar que em alguns meses tudo isso ficará para trás. Estarei a caminho de Pennington, a melhor faculdade particular do estado, vivendo a vida que sempre sonhei: rodeada de pessoas como eu, num lugar onde me encaixo, estudando para virar médica. Está tão perto que quase consigo tocar. Tudo o que preciso é do e-mail confirmando que recebi a bolsa de estudos e...

— Lighty, olha por onde anda! Eu tenho uma *coisa* pra fazer.

Derek Lawson se demora na palavra *coisa*, como se o que ele está planejando fosse um grande mistério, enquanto fica plantado bem na minha frente. Dou um passo para trás – ainda segurando a bandeja com força – e me preparo. Eu sei o

que vai acontecer em seguida. Todos sabemos. Este tipo de espetáculo é comum em Campbell nesta época do ano.

Antes de eu ter a chance de me poupar da tortura muito específica que é assistir a um *flashmob* de atletas escolares cantando e dançando simultaneamente como se fossem uma *boy band* famosa, isso já começou a acontecer.

Derek desliza pelo pátio com o tipo de atuação que faria o elenco de *Hamilton* sentar e fazer anotações. Ele sobe na mesa comprida onde seu grupo de amigos normalmente se senta e aponta para a namorada e minha inimiga não-tão-secreta, Rachel Collins. Alguém aperta o *play* numa caixa de som em algum lugar, e é assim que começa: outro convite bizarro para a festa de formatura.

Embora isso esteja acontecendo pelo menos duas vezes por semana desde que o semestre começou, juro que uma das alunas do primeiro ano na mesa ao lado da minha desmaia de empolgação quando Derek começa a cantar uma versão remixada da música “Time of My Life”, do filme *Dirty Dancing*. As amigas dela estão entretidas demais para ajudá-la.

A festa de formatura em Campbell County, Indiana, é como o futebol americano para o Texas. A única diferença é que nós não expurgamos nosso fanatismo todas as sextas-feiras durante meses sem fim. Não, em Campbell, ele fica guardado dentro de nós por onze meses e 29 dias, até que um dia explodimos. A cidade inteira, coberta por um monte de lantejoulas, smoking de grife e spray de cabelo suficiente para abastecer um zepelim.

Poderia ser impressionante, se não fosse tão ridícula e insuportavelmente irritante.

— *Você é a única garota com quem quero ir à festa!* — Derek está cantando a plenos pulmões e é com certeza horrível, mas ninguém parece se importar. As meninas da Turma do Pompom entram pelo corredor, onde provavelmente estavam esperando, completamente uniformizadas, e puxam seus pares do time de basquete. De repente, eles estão fazendo a coreografia inteira de *Dirty Dancing*, sem perder o ritmo.

O refeitório todo está assistindo ao show, e eu meio que quero morrer. Só de ver aquilo, meu estômago ameaça colocar para fora a barra de cereal que comi no café da manhã.

Não apenas por ser Rachel no centro das atenções mais uma vez, mas porque demonstrações públicas de... bom, *qualquer coisa*, na verdade, me assustam – mesmo quando eu estou bem longe de ter alguma coisa a ver com a história. Quer dizer, todo mundo fica olhando para você, te observando, esperando que você faça algo que valha a pena postar no Campbell Confidential. A ideia de ter os olhares das pessoas sobre mim por um tempo mais longo do que o suficiente para entregar as partituras das músicas antes dos ensaios da banda do colégio me deixa inegavelmente ansiosa. Esse é o motivo de eu nunca ter me candidatado à representante de turma ou ter feito testes para o musical da escola, e o porquê de eu mal conseguir fazer os solos na banda sem querer evaporar.

Quando você já sente que tudo sobre você te coloca em destaque, faz mais sentido simplesmente encontrar jeitos de se encaixar o máximo possível.

Mesmo assim, tem algo na forma que Derek está olhando para Rachel que faz meu coração se apertar. Pessoas como Rachel e Derek têm a história de amor perfeita de Ensino

Médio para contar para os filhos um dia, mas a alta, negra e pobre Liz Lighty não tem a menor chance. Pelo menos, não em um lugar como este.

Eu não tenho rancor dos meus colegas de turma, de verdade. Mas às vezes (tudo bem, na *maioria* das vezes), eu só não me sinto como um deles.

— *Eu procurei por todas as lojas de Campbell e finalmente encontrei um corsage pra você!* — Derek estende a mão e Rachel pega o presente, agora soluçando por completo. Como ela consegue parecer uma modelo de Instagram até enquanto enche um balde todo de lágrimas, eu nunca vou entender.

O toque final de Derek é – juro que não estou brincando –  
A Levantada No Ar.

Com a elegância de quem com certeza ensaiou, Rachel corre, pula nos braços dele e é levantada sobre a multidão no refeitório. Se alguém me perguntasse, diria que ela parece menos com a Baby e mais com o Simba olhando com orgulho as Terras do Reino, mas, enfim. Todo mundo está de pé quando a música termina, e todos os presentes explodem em aplausos.

Há um olhar relutante de respeito no rosto da minha melhor amiga, Gabi, enquanto ela observa a Turma do Pompom e os caras do basquete aplaudindo e encarando o casal com admiração. Todos no refeitório estão com os celulares na mão, sem dúvida gravando para o Campbell Confidential. E as garotas do primeiro ano perto de nós estão literalmente chorando – a que desmaiou está até mesmo gravando uma *live* direto do chão.

Eu olho além da mesa de Derek e Rachel e da horda de fãs que os circulam, e meus olhos se prendem na parte do refeitório que eu evito como se fosse uma praga desde o primeiro ano. Mas não consigo escapar. Alguns dos alunos do último ano do time de futebol americano estão comemorando de pé sobre as cadeiras e gritando em apoio ao clichê que é seu companheiro Derek. Todos a não ser Jordan Jennings. Sinto a mesma ansiedade envolvendo meu coração sempre que o vejo, meu ex-melhor amigo. Seu sorriso está apagado enquanto ele bate palmas sem empolgação e, mesmo de longe, consigo ver o quanto é forçado.

Ele é quase bonito demais para encarar por mais do que alguns segundos por vez. E não estou dizendo isso só porque é uma coisa da minha cabeça: com sua pele negra clara e o cabelo ondulado que antes costumava ser cacheado, ele realmente parece um personagem de uma novela adolescente – completamente perfeito sem nenhum esforço.

Lembro a mim mesma o que ele fez questão que eu soubesse quando estávamos no primeiro ano: pessoas como eu e pessoas como ele existem em duas estratosferas diferentes, e é melhor manter as coisas desse jeito.

— Argh! Organizar um convite pra ir à festa de formatura no mesmo dia em que Emme abriu mão da vaga dela como rainha em potencial? Isso é estratégia nível Kris Jenner. Eu estaria brava se não estivesse com tanta inveja por não ter pensado nisso eu mesma. — Gabi joga um livro dentro do armário dela e balança a cabeça. — O capeta trabalha duro, mas Rachel Collins trabalha ainda mais.

— Inveja é uma doença, Marino. Espero que você se recupere logo. — Britt dá um sorrisinho da parede onde está encostada, e Gabi a encara estreitando os olhos. — Sério, quem se importa com a Rachel Collins? Eu prefiro conversar sobre quem ganharia uma luta numa jaula de aço entre a Capitã Marvel e a Mulher Maravilha. Em quem você aposta, Lizzo?

Stone, sentada de pernas cruzadas numa meditação profunda, parece completamente indiferente ao fato de que há uma movimentação intensa de pessoas pelo corredor que ameaçam pisoteá-la. Eu não falei muito depois da apresentação na hora do almoço – não consegui afastar aquele sentimento estranho de ser *a outra* que algumas vezes me domina em ondas tão avassaladoras que quase me afogam –, mas isso não impede Gabi e Britt de tentarem me trazer para a conversa de todos os jeitos.

— G, isso está muito longe de ser relevante — digo, enlaçando meu braço ao dela, enquanto todas nós seguimos para a nossa próxima aula. — Não é como se alguma de nós estivesse na linha de sucessão ao trono.

— Eu diria que a gente está mais perto do que algumas pessoas — Gabi diz, a voz carregada de uma tristeza falsa. — Mais perto que o Freddy, pelo menos.

Tenho sido esperta e cuidadosa para nunca sofrer um acidente no refeitório, mas outras pessoas não tiveram tanta sorte. Na semana passada, Freddy Brinkley tropeçou no próprio cadarço (erro de novato, você sempre deve dar dois nós antes de entrar no campo de batalha) a caminho da mesa dele

e enfiou a cara num prato de “espagasanha”, um híbrido de lasanha e espaguete de Campbell County.

Pelo menos trinta pessoas registraram a queda no Campbell Confidential, e ela já foi remixada, remasterizada e reorganizada tantas vezes e de tantas formas diferentes que eu não acho que o coitado do Freddy vai um dia superar o #EspagasanhaGate.

Freddy foi arrogante, achou que poderia fazer A Caminhada sem as devidas precauções, e ele pagou o preço máximo: hume-lhação pública. O início de um sonho; deu tudo errado.

Britt e Stone nos deixam na sala de música para seguirem para a aula delas. O ensaio passa rápido, rápido demais para o meu gosto. Entre a ansiedade em esperar pelo e-mail sobre a bolsa, que eu sei que deve chegar hoje, e a energia geral da temporada da festa de formatura levando tudo ao extremo, eu não estou preparada para o fim da aula quando ele chega.

Gabi junta suas coisas depressa quando o sinal toca, sem ter metade do cuidado que eu quando guarda o clarinete no estojo de veludo. Ela vai perder sua *live* favorita do Campbell Confidential – Videntes da Formatura, um grupo de garotas que fazem previsões todas as segundas-feiras à tarde sobre quem tem ou não alguma chance de fazer parte da corte da festa de formatura – se não for embora agora mesmo.

O resto da turma está se dispersando pelas portas laterais que dão para o estacionamento, mas eu fico para trás, como faço quase todas as tardes. Sempre tem algo a mais para ser feito antes de ir para casa.

— Ainda não acredito que a Emme tenha sumido desse jeito. — Gabi pega os óculos escuros pretos da bolsa e os ajeita

no rosto. Ela para por um segundo. — Você acha que o Jordan está bem?

Emme Chandler: namorada do Jordan há três anos, pessoa mais doce do mundo e misteriosamente desaparecida quando tinha a vitória certa de ser rainha da festa de formatura. Nós não éramos amigas dela — nós basicamente não estávamos no mesmo código de área social —, mas já que ela era praticamente realeza em Campbell County, é difícil não questionar para onde ela teria ido.

Mas a pergunta me pega desprevenida. Antes, quando nós três éramos amigos, G e Jordan brigavam constantemente. Eu me pergunto se uma parte dela ainda se importa com ele mesmo que ela não queira, assim como acontece comigo.

Jordan, G e eu éramos muito próximos no fundamental. Durante anos, nós três fizemos tudo juntos. Nos conhecemos na banda no sexto ano, quando eu e Jordan estávamos duelando (fazendo uma audição, tecnicamente) pelo posto de clarinetista principal. E toda vez que ele conseguia ser o primeiro clarinetista, com o seu sorriso convencido e brilhante por causa do aparelho, ele dizia: *Não fique envergonhada, Lighty. O primeiro não é nada sem o segundo.*

Durante o ano letivo, nós víamos Jordan botar de lado seu chapéu de nerd às sextas a noite para jogar futebol americano pelo time surpreendentemente bom do colégio, e então praticamente nos mudávamos para a casa da Gabi pelo resto do fim de semana — Jordan e eu aproveitando para apresentar para Gabi os clássicos cult negros dos anos 1990, como *Uma festa de arromba* e *Sexta-feira em apuros*. Nós éramos tão bobos naquela época, tão despreocupados com o que outras pessoas



pensavam de nós desde que pudéssemos contar uns com os outros; nós até nos apresentamos no show de talentos do colégio juntos. Ou, pelo menos, Jordan e eu fizemos isso. Mesmo naquela época, Gabi já tinha uma estética bem refinada.

Jordan e eu vestimos aquelas roupas horríveis, baratas e super largas dos anos 1990 e fizemos a sequência de dança de “Kid ‘n Play” do primeiro filme da série *Uma festa de arromba*. Conseguimos o segundo lugar, mas, sinceramente, fomos roubados pela Mikayla Murphy e os seus bambolês bestas.

Mas as coisas mudam, as pessoas mudam, e não foi diferente com Jordan.

Em certo momento, ele fez questão que eu soubesse que nossa amizade foi só uma fase. E não havia muito o que eu podia fazer.

Gabi ainda está me encarando, e me dou conta de que não sei como ele está. Não sei mais nada sobre ele.

— Não tenho certeza, G — respondo.

E, apesar de como me sinto sobre ele hoje, não posso evitar pensar: *espero que sim*.

## DOIS

— **Sou só eu**, ou sua parte estava bem fora de tom hoje? — o sr. K pergunta quando vou à sua mesa entregar a prova de leitura de partitura que fizemos.

As sobrancelhas dele estão levantadas de um jeito que demonstra que ele sabe que eu sei o quanto minha parte estava fora de tom hoje. E, como primeira clarinetista, ele espera que eu a endireite. O sr. K é um cara legal. Ele é jovem, mais jovem que a maioria dos nossos outros professores, o que fica claro na forma como ele sempre se anima quando entra na sala de música. Ele tem o que a minha avó chamaria de “cheiro de leite”.

Além disso, ele realmente se importa com a gente. Ele passou muito do tempo livre dele me ajudando a me preparar para a audição da bolsa de música para Pennington e para a orquestra deles, ensaiando a obra perfeita – clássica, não muito contemporânea, exatamente como eles preferem. E quando minha avó não conseguiu sair do trabalho e G tinha algo marcado com a família em um resort em French Lick, ele até me deu carona até lá. Nós trabalhamos duro – *eu* trabalhei duro – e agora a audição já é história. Meu futuro parecia quase certo. Eu tinha entrado na faculdade. Agora só faltava ser aceita na orquestra e ganhar a bolsa por ser uma musicista de destaque, e o meu futuro estaria certo.

Música é uma coisa que eu entendo. Notas musicais são algo que posso sempre submeter à minha vontade.

Entre o espetáculo na hora do almoço e as especulações sobre para onde Emme teria ido desde a última sexta, naquele momento a escola inteira não conseguia focar em muita coisa, muito menos no novo arranjo de “Once We Leave This Place”, do Kittredge, minha banda favorita, que o sr. K nos entregou.

— Quer saber? Nem responde. Estou com esperança de ter sido coisa da minha cabeça e não consequência desse vício em festas de formatura aparecendo na minha preciosa banda de novo. — Ele ri, balançando a cabeça, e depois a inclina, pegando a prova da minha mão.

Eu olho para o meu celular, apertando-o com força na mão, e desejo que um e-mail da Faculdade de Música de Pennington apareça. Tudo o que preciso é de um e-mail, uma confirmação, e vou estar na trilha certa para o resto da minha vida.

— Você está se sentindo bem hoje? Você não parece a Liz Lighty que conheço, cautelosa, otimista e que sorri para a partitura quando acha que ninguém está prestando atenção. Achei que você ficaria mais animada de tocar seu próprio arranjo pela primeira vez.

A sala está praticamente vazia, as únicas pessoas que ficaram ainda por lá estão longe o suficiente para não nos ouvir. O sr. K sabe que eu não quero que saibam que a música que tocaremos no final do concerto de primavera é uma composição minha.

Minhas bochechas queimam. Não sei por que me sinto tão estranha em saber que estão tocando algo que tem dedo meu

na criação, mas me sinto. De algum jeito, parece muita exposição. Como se essa coisa que faço sozinha para me manter sã não fosse mais só minha ou algo assim.

— Eu estou animada, é só...

Meu celular vibra no bolso e eu o pego mais rápido do que é humanamente possível fazer.

E demora menos de um minuto para tudo ao meu redor desmoronar por completo.

Eu passo os olhos pelo e-mail e faço uma leitura por cima:

*Lamentamos informar que, apesar de suas conquistas acadêmicas e musicais admiráveis, a concorrência foi bastante apertada este ano e você não foi selecionada para a bolsa parcial de estudos do Curso de Música Alfred e Lisa D. Sloan e também não receberá um lugar na orquestra, o que significa que você está sem sorte e terá que arrecadar 10 mil dólares. E ao mesmo tempo em que, sim, é uma droga que você não tenha entrado para a orquestra que quis fazer parte por toda sua vida, sinta-se à vontade para fazer uma nova audição quando estiver no campus – não que você vá conseguir pagar para entrar!*

Essa bolsa era o meu passaporte para Pennington e para tudo o que viria com ele. Era a última peça do quebra-cabeça que eu venho montando há quatro anos. Notas ótimas? Feito. Atividades extracurriculares boas, embora modestas? Feito. Uma musicista extraordinária o suficiente para conseguir um lugar na famosa Orquestra da Faculdade de Pennington e construir uma ponte que ligasse o uso do dinheiro que economizei, da bolsa de estudos que consegui e dos empréstimos para os quais estava classificada a receber ao

custo da prestação da faculdade particular mais cara de Indiana? Não exatamente.

Minha boca está seca. Abro-a e a fecho, tentando escolher as palavras para explicar o que aconteceu, mas nada me vem em mente. Só consigo sentir medo. Só consigo pensar no que o sr. K me falou quando estávamos esperando minha audição começar.

“Você vai se dar tão bem no campus de Pennington no ano que vem. Eu sei que Campbell nem sempre é o lugar mais fácil, mas Pennington foi maravilhoso pra mim”, ele disse enquanto parávamos no estacionamento de visitantes do curso de música. Quando o lindo prédio de calcário apareceu, meu estômago fez o que sempre faz quando estou nervosa, ou com medo, ou animada – se contraiu, e não de um jeito fofo, como num frio na barriga. Ele se contraiu como se estivesse ameaçando botar para fora tudo o que comi naquele dia. Achei que ia vomitar bem ali, naquela hora; era melhor desistir antes mesmo de entrar, mas o sr. K desligou o carro e continuou falando: “Este não é o único lugar no qual você pode ser você mesma, mas foi onde eu descobri o significado de ser quem eu sou. E esse é um preço que vale a pena pelo o que você pode estar sentindo agora”.

— Liz. Liz? — O sr. K balança a mão na frente do meu rosto, sorrindo. — Você está bem?

Sinto o meu peito começar a se apertar, um sentimento bem conhecido. Estou à beira de um ataque de pânico e sei que preciso sair dali o mais rápido possível, antes que eu desmorone na frente do sr. K. Antes que eu tenha que dizer que toda a ajuda que ele me deu, todo o tempo que passou

trabalhando comigo, não deu em nada; dizer que falhei com ele e com todas as pessoas que estavam contando comigo para que isso acontecesse.

Abro e fecho a boca mais uma vez, tentando encontrar as palavras, mas não sai nada. Ajeito a postura e me direciono para a porta.

— Ei, você não parece bem. — As sobrancelhas dele se juntam em preocupação. — Você quer sentar? Beber uma água, talvez?

Balanço a cabeça.

*Não preciso de nenhuma dessas coisas, é o que não posso dizer a ele. Eu precisava de Pennington.*

E isso se foi para sempre.

## TRÊS

**Já faz três dias que recebi o e-mail**, e a única solução que encontrei foi vender um dos meus órgãos não essenciais para pagar o curso no outono. Isso, ou esperar um ano enquanto trabalho com a minha avó na casa de repouso onde ela é assistente de enfermagem. Posso ganhar algum dinheiro para ajudar a cobrir os gastos em casa, fazer a audição de novo pela vaga e pela bolsa escolar que vem com ela, e talvez o próximo outono seja o meu momento. Estarei um ano atrás dos meus amigos, um ano atrasada com os meus sonhos, mas é a melhor – a *única* – opção que tenho.

Meu irmão, Robbie, jogando em mim uma meia ainda morna por causa da secadora, é a única coisa me impedindo de entrar numa espiral completa de ansiedade, como tem acontecido quase todos os dias desta semana quando penso muito sobre o próximo ano.

— O quê? — Balanço minha cabeça, tentando esvaziá-la.  
— Você disse alguma coisa?

Ele bate o quadril no meu gentilmente. Nós estamos dobrando roupas enquanto a vovó trabalha e o vovô cochila na cadeira de balanço na varanda da frente, e a monotonia da tarefa é quase acolhedora para mim. Ou pelo menos era antes de, sabe, eu começar a pensar em como minha vida saiu dos trilhos por completo.

— Eu *disse* que você está distraída pra caramba. — Ele dobra uma calça social que usa quando tem reunião do grupo de debate e a coloca dentro do cesto. — Você vai me contar sobre a bolsa de estudos, ou eu vou ter que continuar fingindo que não te vi lendo o e-mail de rejeição no café da manhã dois dias atrás?

— Ro. — Eu me jogo no sofá e escondo o rosto nas mãos. Claro que Robbie sabe. — Eu ia te contar, eu só precisava de... tempo.

— Liz. Lizzie. — Seu pé descalço cutuca minha pantufa de coelho até que eu o encare. Cruzo os braços em volta da minha barriga; as mangas da antiga camisa da mamãe dos Pennington Penguins são acolhedoras e macias devido aos anos de uso. — Olha, a gente pode dar um jeito nisso. Dinheiro nunca impediu a gente antes. Você sabe que a vovó e o vovô vão...

*Vender a casa* – é o que eu não o deixo dizer. Eu sei como vai ser se eu contar a verdade para a vovó e o vovô. Eles vão vender a casa, mudar para um lugar menor ainda e usar todo o dinheiro para garantir que eu vá para a minha faculdade dos sonhos por quatro anos. Não vou deixar isso acontecer.

Nós moramos na mesma casa quadrada de tijolos no limite da cidade desde que eu consigo me lembrar. Costumava ser muito apertada: três quartos para cinco pessoas. Nós sempre fomos os “pequenos e poderosos Lighty”, como a vovó dizia. Minha mãe deu um duro danado para nos criar sozinha depois que o meu pai foi embora, e meus avós fizeram o mesmo por nós dois quando ela ficou doente. Nós nos esforçamos, nos esforçamos mais do que as pessoas ao nosso redor, e fazemos



tudo dar certo. Nós damos conta, apesar – ou até mesmo por causa – da sorte estar contra nós. Esse é o jeitinho dos Lighty.

Então se eu ia ou não para a faculdade nunca foi realmente uma questão para mim. Assim como também não era para qual eu iria e o que estudaria. Eu ia para a Faculdade de Pennington, a *alma mater* da mamãe, fazer faculdade de medicina enquanto tocava na orquestra dos Penguins. Eu me tornaria hematologista e cuidaria de pacientes com a mesma doença da minha mãe e do meu irmão mais novo, anemia falciforme, e tudo isso seria possível porque eu ralaria muito, manteria a cabeça baixa e sobreviveria a ser pobre e negra em Campbell County – um lugar que é tudo menos isso. Porque esse também é o jeitinho dos Lighty.

Mas eu não esperava que a minha mãe não estivesse aqui para ver eu me formar no ensino médio. Não esperava não receber a bolsa de estudos que me permitiria ir para a faculdade. Não levava em consideração que, apesar de tudo, todo o meu esforço poderia não ser o suficiente.

— Eles não podem saber — eu digo, balançando a cabeça.  
— A vovó e o vovô não podem saber disso. Eu vou arranjar alguma coisa; tem que ter outro jeito.

Robbie coloca o cesto de roupa limpa no chão e se joga ao meu lado. Nosso sofá velho afunda quando ele se senta.

Esta casa é o último lugar no qual ouvimos a voz da nossa mãe, o último lugar no qual ela esteve estrondosa, vibrante e incontavelmente viva. Seu toque permanece vivo no sofá da sala de estar, mesmo com o forro rasgando, porque os meus avós não conseguem jogá-lo fora. Até o perfume dela ainda

está preso no papel de parede da sala, se você se esforçar e respirar fundo.

Se eles venderem a casa, nós perderemos a única coisa que restou da nossa mãe. E pensar nisso me dá medo. Ou eu aceito o dinheiro e perco a mamãe de novo, ou não vou para a faculdade e abandono um dos únicos sonhos que ela tinha para mim: que eu fosse para a mesma universidade que ela foi. De qualquer jeito, eu saio perdendo.

— Engraçado você dizer isso. — Ele abre um largo sorriso e pula para ficar de pé. — Um minuto, por favor.

Ele corre para o quarto e volta com um papel na mão, que me entrega ansiosamente. Mesmo sendo mais novo do que eu, preciso esticar o pescoço para encará-lo quando ele para na minha frente.

— Ro, o que...

— Só leia. — Ele revira os olhos e balança o papel até que eu o pegue.

DECLARAÇÃO DE INTERESSE E PEDIDO DE SOLICITAÇÃO está escrito em negrito no topo. Eu quase começo a rir.

— Eu não vou me candidatar à rainha da festa de formatura. — Dobro o papel e o empurro de volta para a mão dele. Então eu começo a rir, não consigo me controlar. — Você está falando sério?

— Tão sério quanto uma doença sanguínea hereditária, maninha. — Ele sorri, sabendo que eu odeio quando ele faz piada com anemia falciforme, mas já que é uma regra que irmãos caçulas precisam ser irritantes, ele faz mesmo assim. — Você precisa de dinheiro e eles estão *dando* dinheiro. Me parece a saída perfeita.

Outros colégios recebem doações enormes para atletas ou artistas, mas a escola de Campbell County angaria fundos para a festa de formatura. É algo tão sério que os ex-alunos ricos doam fielmente para garantir que nós tenhamos o maior e mais elaborado espetáculo em forma de festa em Indiana todo ano. E parte disso é a vantajosa bolsa de estudos que eles dão para o rei e a rainha, pelo que chamam de “trabalho excepcional e compromisso com a comunidade” que os vencedores devem demonstrar.

Mas, na real, os ex-alunos estão apenas assinando cheques para os filhos mimados uns dos outros – cheques mais ou menos na casa dos dez mil dólares. Robbie tem razão: é quase exatamente a quantia que eu preciso para entrar em Pennington.

— Olha, essa grana pode ser o suficiente pra pelo menos te colocar em Pennington, sabe? Se você ganhar, a vovó e o vovô não vendem a casa.

Meu estômago se revira quando penso em um dos meus colegas recebendo a bolsa de estudos. Todo esse dinheiro só para brincar de escolher vestidos e recolher o lixo do pátio. Todo esse dinheiro indo para outro jovem rico de Campbell County com tempo de sobra e zero medo dos holofotes. Não é justo. Nada disso é justo.

Eu penso nos discursos, nos eventos públicos e em como os candidatos à corte ganham visibilidade todo ano. Minhas mãos suam só de pensar nas postagens sobre os aspirantes no Campbell Confidential – as fofocas, as enquetes e o drama – ou nos cartazes com a minha cara colados pelo corredor e os eventos nos quais os olhos da cidade inteira estariam sobre

mim. Não tem como se esconder quando você se candidata à rainha da festa de formatura; não tem como passar despercebida quando você quer esse título. E eu nunca fui dessas que sai de um grupo para fazer carreira solo.

Tudo sobre a ideia é ridículo, mas eu não consigo parar de pensar nela. Quer dizer, não venho de uma família com um legado – uma em que todo mundo concorreu ou ganhou o posto de rei e rainha –, mesmo que ainda tenhamos o vestido de baile da mamãe pendurado no armário dos meus avós. Em Campbell, dá azar se livrar do vestido.

O corredor perto da diretoria tem fotos de todos os reis e rainhas desde que começaram essa tradição. Penso por um segundo em como seria ter meu retrato ao lado do de Eden Chandler, a irmã mais velha de Emme, a coroa repousando sobre meus cachos apertados e escuros; meu cabelo todo rebeldia enquanto o dela é bons costumes. Afasto a ideia tão rápido quanto ela vem.

— Ro, seja realista. — Balanço a cabeça e escorrego para o chão. — Eu não sou a rainha da festa de formatura de ninguém.

— Pennington é importante pra você, não é? — Ele se senta ao meu lado e encosta o ombro no meu.

Concordo com a cabeça, mesmo que ele saiba a resposta para essa pergunta. Pennington sempre foi minha estrela-guia, o lugar onde todas as peças que faltam em mim finalmente iam se encaixar. Onde eu poderia tocar a música que manteve meus pés no chão todos esses anos, com pessoas que levam isso tão a sério quanto eu. É a única faculdade em Indiana em que posso começar um bacharelado especializado que

enriquece o meu diploma e me leva direto para a formação como médica. O caminho mais rápido para o resto da minha carreira, o resto da minha vida.

— E fica a três horas daqui. — Ele coça a sobrancelha, como quem está chegando à conclusão mais lógica. — Longe o suficiente pra você sentir que saiu de casa, mas não tão longe que não dê pra você voltar pra casa caso algo dê errado com a minha anemia ou algo do tipo. — O sorriso dele é um pouco triste quando ele continua: — Certo?

Não vou mentir para ele, porque eu e Robbie não mentimos um para o outro. Confirmo balançando a cabeça.

Eu sei que posso ir para a Universidade de Indiana, minha segunda opção, e tudo pode ficar bem. Eu posso ficar bem. Mas eu estaria me afastando mais e mais da visão que sempre tive, a visão que minha mãe sempre teve, para o meu futuro. E isso me parece uma traição que nem posso começar a cogitar.

— Olha, a sorte nunca esteve do nosso lado, mas isso nunca nos impediu — Robbie continua.

Ele nem precisa mencionar quantas vezes não tivemos sorte. Não tem um dia que passe sem que eu pense o quanto sou azarada. Robbie pega a caneta que está sempre atrás de sua orelha e abre a Declaração de Interesse de novo. E lá, na primeira linha de assinaturas, escrito com a letra toda em maiúscula dele, está o nome do meu apoiador oficial.

— Você tem três dias pra conseguir trinta assinaturas e se declarar uma candidata. Você tem o meu voto, maninha. Não desista do jogo.

## QUATRO

**A primavera em Indiana** é algo imprevisível. É tão provável se ver no meio de uma tempestade de neve quanto ter que usar blusas e shorts curtos porque está muito quente para usar qualquer outra coisa. E, algumas vezes, em dias como o de hoje, você começa com o céu sem nuvens, mas, quando desce da bicicleta do lado de fora de seu trabalho de meio período, está encharcada até a alma graças a uma tempestade surpresa.

A Declaração de Interesse assinada por Robbie está na minha mochila, sem dúvida completamente molhada agora, mas juro que ela parece queimar de um jeito que o calor atravessa meu casaco de moletom. Eu não saí de casa sem o papel desde que Rob e eu falamos disso, há dois dias, mas não consigo me forçar a tomar uma atitude. É como se eu estivesse arriscando um futuro em potencial na minha faculdade dos sonhos contra o perigo muito presente e muito real de fazer papel de trouxa na frente não só dos colegas de escola, mas da cidade inteira.

— Nossa, Liz. Eu podia ter ido te buscar, sabia? — Britt diz depois que eu prendo minha bicicleta no bicicletário sob o toldo em frente à Melody Music, a loja de música na qual trabalho, e entro. — Você é tão masoquista... e isso vindo de *mim*.

Ela aponta para seu rosto coberto de piercings, e eu solto um riso curto e tenso.

Britt acha que eu ando de bicicleta para todo o lado porque eu gosto de me exercitar, e eu nunca me dei ao trabalho de corrigi-la. Ela está parcialmente certa, mas na maior parte do tempo eu ando de bicicleta porque não quero ninguém indo até minha casa me buscar. Não quero que ninguém além de Gabi veja onde eu moro. É apenas mais fácil desse jeito.

— Lizzie! Finalmente você chegou! — Gabi se vira do balcão onde estava tirando as medidas de Stone quando entrei e Kurt, meu chefe, movimentava os lábios sem emitir som dizendo um nítido “ME SALVA”. A G pode até ser sobrinha dele, mas ele nunca descobriu como lidar com a, hum, exuberância dela. — Por favor, diz pra ele o quanto é importante que eu faça um vestido para a Stone ir à festa de formatura em uma cor que combine com o subtom amarelado dela.

Kurt contorna o balcão, massageando as têmporas. Ele não tem coragem de nos dizer que não podemos usar a loja como nosso principal ponto de encontro, já que a Gabi é sua parente e eu trabalho aqui quase todas as tardes e todos os fins de semana desde o primeiro ano do ensino médio.

— Você está certa. Como eu pude não perceber a importância do... Do que você estava falando mesmo? — Ele dá um sorrisinho e pisca para mim e para Britt.

Kurt se aproxima e abaixa o tom de voz enquanto assumo seu lugar atrás da caixa registradora.

— Vou sentir sua falta quando você se formar, menina, mas você precisa levar minha sobrinha pra bem, *bem* longe daqui.

— Ele cantarola alguma música da Ariana Grande sobre partir enquanto se dirige para o escritório dos fundos.

Eu cruzo e descruzo os braços. Fico nervosa, mesmo que provavelmente não devesse ficar. Eu amo minhas amigas. Eu confio nas minhas amigas. Preciso da ajuda delas se quero ir para Pennington.

— É, então... Eu, hum... — Olho para o rosto delas e me lembro do porquê de elas serem as pessoas certas para mim. As três parecem prontas para agir, e elas ainda nem sabem o que vou pedir. — Não consegui a bolsa de estudos pra Pennington.

A reação delas é imediata.

Britt estala os dedos.

— Isso é ridículo! Ninguém merece essa bolsa mais do que...

Gabi balança a cabeça.

— Eu vou dar um jeito nisso. Vou fazer o advogado dos meus pais ligar...

Stone pega o pingente de cristal pendurado em seu colar.

— Eu tenho palo santo na minha bolsa. A gente pode purificar o seu clarinete e...

Faço um gesto com as mãos para elas se acalmarem e rio baixo. Essas esquisitas são as melhores pessoas.

— Pessoal, está tudo bem. Tudo certo. Bom, não certo, é bem horrível, na verdade, mas vai ficar tudo bem. Eu tenho um plano.

Como uma lâmpada se acendendo, o rosto de Gabi passa de raiva para compreensão.



— Vamos fazer você ser rainha da festa de formatura — ela diz, simplesmente lendo meus pensamentos.

— Vamos *o quê?* — Britt estreita os olhos.

— Exatamente como eu me sinto — murmuro. Depois falo mais alto, para que Gabi possa me ouvir: — Robbie disse a mesma coisa, e eu comecei a acreditar que estou num universo alternativo no qual sou uma opção viável para a corte da formatura.

Em uma orquestra, as seções são organizadas para que os instrumentos e os sons que ouvimos sejam similares aos que vamos produzir – dessa forma, o que está em volta da gente é a gente mesmo, até certo ponto. É mais fácil saber a parte do seu clarinete quando não precisa lutar contra o violoncelo de um lado e a tuba de outro.

Os grupos de amigos no ensino médio são formados meio que dessa forma. Minhas amigas são esquisitas de carteirinha, borrões de tinta numa página que costumava ser branca e intacta, e é por isso que nos damos tão bem. Porque, enquanto elas forem meu grupo, enquanto elas estiverem ao meu lado, eu posso até esquecer de vez em quando que não me encaixo em nenhum outro lugar nesta cidade.

Stone completa:

— Meu horóscopo previu que algo sinistro poderia acontecer hoje, mas eu não esperava por algo assim.

— Não é *sinistro*. Argh, vocês são tão dramáticas! Lizzie, eu nasci pra ser uma fada madrinha, é o meu destino. — Gabi joga sua bolsa Chloé amarela fluorescente próxima à caixa registradora e tira o celular de lá de dentro. Seus dedos deslizam pela tela tão rápido que eu quase não percebo ela

falando: — Algumas pequenas mudanças e você vai ficar novinha em folha. Uma rainha de festa de formatura autêntica.

Ela coloca a língua no canto da boca, como sempre acontece quando está pensando. Me preparo para o que aquela expressão vai significar para a minha vida, mesmo ela ainda não tendo dito o que tem em mente. A Gabi é meio mágica deste jeito – ela não precisa realmente dizer o que quer de você para que você saiba.

— Com a Stone administrando as menções no Campbell Confidential e o sistema de pontuação, e os meus poderes estratégicos – ou, devo dizer, *dedução sagaz* – sempre vamos saber onde você está na pesquisa dos votos — ela diz. — Nada que um algoritmo rápido não possa fazer, certo, Stony?

Stone olha para o teto, e penso por um momento que ela pode estar dormindo com os olhos abertos, até que ela responde:

— Consultei a minha carta celeste e sim, Liz, eu posso fazer isso pra você.

Balanço a cabeça. Não sei como esse trem desgovernado começou a andar tão rápido, mas preciso pará-lo antes que eu seja jogada completamente para fora dos trilhos.

— Valeu, Stone, sério, mas...

— Perfeito! Está decidido então. Stone, vem comigo. Eu vou te explicar, nós temos muita coisa pra fazer. — Ela não tira os olhos do celular e Stone já pega o próprio aparelho para começar a trabalhar — E, Liz: vamos precisar mudar seu visual em breve. A estética grunge não faz o estilo rainha de festa de formatura — ela finaliza me olhando de cima a baixo.

Olho para minhas roupas e franzo a testa. A Melody não tem uniformes – tudo o que fazemos é vender partituras de músicas para homens de meia-idade que querem aprender a tocar canções dos Beatles no violão, e para isso não precisamos de um vestido de gala –, então uso uma versão do que sempre visto: uma camiseta branca com gola em V, calça jeans skinny preta com rasgos no joelho, e um All Star preto cano médio. Às vezes eu dou uma revolucionada e decido por uma camiseta de brechó com logo dos anos 1990 ou 1980, mas na maior parte do tempo, é isso. Simples e direta.

Mas Gabi é desse jeito desde que nós descobrimos a pilha de revistas *Vogue* da mãe dela no porão quando tínhamos oito anos – ela tem um pé para fora de Indiana desde então. Moda é tudo para ela. Por já ser uma estilista tão talentosa ela foi aceita mais cedo no Instituto de Moda e Tecnologia, em Nova York, para as turmas do outono. Quando a G decide o que ela quer, nada a impede de conseguir.

Olho para Britt e levanto as sobrancelhas como que fazendo uma pergunta. Ela levanta as duas mãos, rendendo-se.

— Não olha pra mim! Eu perdi o comunicado de quando decidimos virar as doidas de festas de debutantes.

Britt está certa. Nós tínhamos um plano, praticamente desde o dia em que nos conhecemos, de que iríamos todas juntas para a festa, como um grupo. Só nós quatro, juntas, usando vestidos originais de Gabi Marino. Era simples e perfeito. Isso não era parte do plano. A corte da formatura não é nada simples.

— Britt, por que você precisa ser tão negativa? Vai ser maravilhoso! — Gabi me direciona o seu sorriso mais

*image  
not  
available*

rosto. Gabi pega a bolsa do balcão e a coloca no ombro. Como sempre, seus movimentos são elegantes, graciosos e completamente confiantes.

— Meu Deus, imagina a carnificina.

E assim, como se fosse a coisa mais simples do mundo, sou a nova candidata à rainha da festa de formatura do colégio de Campbell County.

*image  
not  
available*

Mas tem várias pessoas imprevisíveis também. Alguns garotos que sei que estão concorrendo por piada ou por causa de uma aposta (se o jeito que eles não pararam de rir ou conversar desde que chegaram é indicativo do quanto estão interessados em fazerem parte da corte), e garotas como eu, que à primeira vista não transmitem exatamente toda a energia de corte da formatura, por um ou outro motivo.

As luzes se apagam, e, *juro*, a música tema das Olimpíadas começa a tocar.

Quase pulo de susto quando a primeira trombeta toca num estrondo, mas logo o holofote fixa em Madame Simoné usando um longo quimono preto que se arrasta no chão enquanto ela aponta para a tela atrás dela.

— Senhoras e senhores, vocês entraram pra uma antiga tradição de Campbell que logo irá mudar o curso de suas vidas pra todo o sempre! — A sala explode em aplausos. Ela fala com um sotaque francês incrivelmente convincente, como se não fosse nascida e criada em Campbell County e como se nós não tivéssemos visto a foto dela na galeria do colégio com a legenda *Roberta Simon, 1987*.

Madame Simoné discorre sobre todos os poderosos homens e mulheres que participaram dessa disputa e depois fizeram coisas incríveis, quando as portas do fundo se abrem abruptamente, e ela se cala.

— Desculpa, estou atrasada! — o borrão de uma garota sussurra alto ao passar pela entrada. Ela tem um skate sob o braço e uma bolsa transversal que fica caindo de seu ombro enquanto ela sobe para o meio do corredor. — Esse colégio é

*image  
not  
available*



virar “Liz Lighty: um pouco envergonhada de ser candidata à rainha da festa de formatura”.

Todos começam a bater palmas, e tento olhar para Jordan e seus amigos mais uma vez. Desta vez, nossos olhares se encontram. Fico muito constrangida por ter sido pega olhando para ele como uma esquisitona. Viro a cabeça tão rápido que juro que a garota ao meu lado ri baixinho. Se minha pele não fosse escura, tenho certeza de que estaria corada. Mas como eu amo me torturar, olho na direção dele mais uma vez.

— Com licença, Madame Simoné. — A mão de Rachel Collins se levanta, suas unhas perfeitamente pintadas de rosa pastel balançando no ar. — Eu tenho uma dúvida sobre o processo de pontuação.

Madame Simoné, obviamente irritada por ser interrompida antes de abrir para perguntas, manda ela continuar “ainda hoje, se puder”. Ou pelo menos é isso que eu ouço.

— O.k., bom, eu só quero garantir que não vai ter nenhuma gracinha por trás do processo de pontuação. Tipo, a gente não vai ter que lidar com... — Ela se vira e olha diretamente para mim — ações afirmativas, por exemplo.

O negócio é o seguinte: Rachel e eu nunca gostamos uma da outra. Nós nos enfrentamos em tudo desde o terceiro ano: concurso de soletração (eu ganhei), corrida ao ar livre (não sou atlética, mas minhas pernas são incrivelmente longas – passei dela por meio segundo) e agora oradora de turma (essa é minha, amada!). E essa vitória, a de ter a nota mais alta da turma, tem feito nossa rivalidade ser como Burr *versus* Hamilton. Eu estou quase convencida de que ela vai me chamar para um duelo na formatura.

*image  
not  
available*

## SEIS

**Sou praticamente um zumbi** no colégio na segunda de manhã. A reunião sobre a formatura foi longa, bem mais longa do que imaginei que seria. Mesmo depois de a Madame Simoné terminar suas orientações e de entregarmos nossos formulários, ficamos lá por mais meia hora, pelo menos, assinando os formulários de autorização de uso das fotos para os releases que eles vão fazer.

Com toda a papelada, as assinaturas e as conversas sobre ensaios fotográficos e aparições públicas, me senti como a assistente pessoal da Beyoncé (porque tenho certeza de que Queen Bey não precisa mais gastar seu sagrado e precioso tempo com esse tipo de coisa).

Fui para casa terminar meu dever de casa e praticar meu solo para o concerto de primavera, mas, em vez disso, acabei ajudando a vovó a terminar o jantar e falando por duas horas com a Gabi pelo telefone, respondendo sobre quem estava na reunião e o que foi dito. Quando terminei o relatório do laboratório para a aula de química avançada e fiz o esboço do meu trabalho de literatura avançada, eu estava quase cansada demais para ensaiar minha música, mas me forcei a isso de qualquer maneira. Não dormi quase nada.

Então pode acreditar quando digo que estou de fato cansada demais para responder ao interrogatório

Quando Gabi me cutuca com o cotovelo pela segunda vez, volto à realidade. Ela move os lábios, dizendo sem emitir som: *Com certeza uma agente secreta.*

E, sim, minha melhor amiga pode ser um pouco fora da realidade, mas quem precisa cair na real aqui sou eu. E rápido. Afinal, os Lighty não vivem contos de fadas.

passar, ou algo assim, o que realmente importa é que você conquiste as pessoas.

Gabi manda o aparelho Alexa acender as luzes para que a única luz não seja mais apenas a luminosidade do PowerPoint. Sempre me sinto naquele filme antigo da Disney, *A casa inteligente*, quando estou na casa dos Marino.

— Stone, se você puder. — Gabi gesticula, convidando Stone para se juntar a ela à nossa frente.

— Embora eu normalmente considere melhor deixar o universo ditar a vontade dele pra nós, devido à urgência da situação que temos em mãos, eu acredito ser do interesse coletivo...

— Stone, algumas de nós precisam voltar pra casa em algum momento ainda neste século — Britt interrompe com o máximo de gentileza que consegue.

— Eu desenvolvi um algoritmo pra avaliar em qual posição do ranking a Liz está durante qualquer momento da competição. — Ela entrega o celular para mim. — Eu não sou particularmente uma perita em códigos, mas esse aplicativo deve bastar para o nosso propósito.

— Uau. Sério? — Britt se inclina e encara a tela, pasma. Eu sempre achei que a Stone é distraída assim por estar ligada direto com a placa-mãe. Isso confirma.

— Stone, G, isso é incrível! Como vocês fizeram isso tão rápido?

Gabi esfrega as unhas bem-feitas no seu suéter preto chique.

— Eu falei pra deixar isso com a gente. Nós vamos te levar longe, minha corajosa e fantástica melhor amiga.

No entanto, quando já estou na calçada de casa, vejo que a vovó está olhando pela janela da frente com as mãos apoiadas nos quadris, esperando por mim, e eu sei que ir direto para o meu quarto em vez de dar uma passada na cozinha para avisar que cheguei não é uma opção.

— Onde você esteve, Elizabeth? — ela pergunta quando abro a porta. Eu mal tenho a chance de lhe dar um beijo no rosto antes que ela continue: — Você perdeu o jantar, e sabe que não é assim que as coisas funcionam por aqui.

Eu nunca diria para a vovó dar uma segurada na atitude — dou muito valor à minha boca e por isso a mantenho fechada —, mas gostaria de poder.

— Vó, ela estava no ensaio, lembra? Vai até tarde esta semana — Robbie grita do sofá, ao lado do vovô, e eu não poderia ser mais grata pela ajuda. Não gosto que ele minta para a vovó assim como não gosto de mentir para ela, mas tudo sobre a festa de formatura precisa ser mantido em segredo até depois de eu ganhar a bolsa escolar. Porque se eles descobrirem que eu estou concorrendo, vão descobrir sobre a bolsa que quero ganhar e sobre a bolsa que eu *não* ganhei, e, se descobrirem isso, vão começar o processo de vender a casa.

Ouçõ a voz do Alex Trebek de onde estou. Eles estão assistindo *Jeopardy!*, e mesmo sabendo que Robbie vai acertar todas as perguntas do começo ao fim do programa, como acontece todas as noites, vovô grita cheio de confiança respostas erradas de qualquer jeito.

— Calma, vô! Você está tão longe da resposta certa que nem é engraçado. É: o que é o Tratado de Guadalupe Hidalgo?

---

**Gabi Marino:** Me liga quando terminar pra gente conversar sobre estratégias

Me equilibro no banco da bicicleta no bicicletário próximo ao estacionamento e, de onde estou, consigo ver tudo enquanto percorro o local com os olhos: o grupo de mulheres e seus recém-nascidos fazendo yoga mamãe-e-bebê na grama aparada, os jovens da faculdade comunitária dali de perto jogando Ultimate Frisbee na clareira, os cachorros correndo um atrás do outro na área cercada para cães.

Do outro lado do estacionamento, Jordan Jennings tira o capuz do seu moletom preto da Nike e se curva para dar uma olhada na aparência em seu espelho retrovisor. Ele passa a mão pelas ondas no cabelo – o estilo de corte que tem usado desde que cortou os cachos no primeiro ano – e ajeita a postura. Ele deve ter decidido que está pronto para aparecer publicamente. Nada menos do que a aparência de um modelo em uma capa de revista para Jordan Jennings.

Lembro que tenho um trabalho para fazer – um enorme, do qual meu futuro inteiro depende – e desço da bicicleta na mesma hora que os olhos dele encontram os meus do outro lado do estacionamento. Ele não sorri quando me pega encarando. Em vez disso, sua expressão se contorce em uma quase careta por um segundo antes de se corrigir e voltar a ser o perfeito de sempre.

— Ei, Lighty! — ele grita e balança a cabeça num clássico cumprimento. Prendo a bicicleta e me preparo para esse contato. Temos nos evitado com sucesso há quase quatro anos,

Eu sei o que ele deixou de dizer: *não fui eu que não quis crescer e agir como todo mundo.*

Ele passa a mão com luva pela cabeça.

— Tanto faz, Lighty. Olha, você está certa. A gente não tem que ser amiguinho ou algo do tipo, mas talvez a gente possa pelo menos, sei lá, reconhecer a presença um do outro?

Eu olho para longe e murmuro:

— Tudo bem.

— É, *tudo bem* — ele zomba. — É perfeito, na verdade.

*Perfeito.* Não tem nada de perfeito nisso, mas as coisas são assim às vezes. Elas são assim quase sempre, eu acho.

Algo no tom dele me faz enrijecer as mandíbulas para evitar lhe dar uma resposta. Jordan e sua perfeição. Eu quase quero perguntar como andam as coisas com a namorada perfeita dele, Emme, e com o casal perfeito que eles formavam antes de ela sumir. São tantos boatos sobre para onde e por que ela teria partido que eles agora são qualquer coisa menos perfeitos – eu sei que isso deve estar corroendo-o por dentro. Mas não consigo ser tão mesquinha assim. Apesar do que aconteceu entre mim e ele, bisbilhotar não é justo com Emme.

É difícil acreditar que um dia fomos próximos, mas me lembro de tudo, e estar perto dele torna esquecer ainda mais impossível.

No verão anterior ao primeiro ano, Jordan passou dois meses num acampamento intensivo de futebol americano pela primeira vez. Ele não ia voltar para a banda no outono, nós dois sabíamos, mas isso não mudaria muita coisa entre a gente. Ele sempre jogou futebol, agora só jogaria com um pouco mais de seriedade, como seu pai o tinha incentivado a fazer.



hora de ir embora, eu saio dali. Faço a volta e caminho com segurança até o posto dos funcionários, como se dependesse disso para respirar, deixando Jordan com os sacos.

— Bom, o tempo voa quando estamos nos divertindo, né, crianças? — O funcionário irônico do parque está com os nossos registros assinados na mão e os usa como um leque improvisado.

Sinto Jordan chegando atrás de mim na mesma hora em que a vontade de agredir o funcionário na cabeça com o catador de lixo me domina.

— É só assinar os papéis, cara — Jordan diz abruptamente, bem menos feliz do que estava quando chegamos. Quase me sinto culpada por ter algo a ver com isso. — Não temos o dia todo.

— Falando assim comigo, não vai ter mesmo. — O funcionário coloca a franja, muito longa e ressecada, atrás da orelha com um sorriso. — Eu não *tenho* que assinar isso, sabia?

Meu corpo fica tenso imediatamente, e meu coração acelera. Meu estômago começa a se remexer. Eu não posso fazer essa tarefa mais uma vez. Não tenho tempo. Não posso não ganhar créditos por esta tarde, tudo depende de cada um desses eventos voluntários e eu...

Jordan coloca dois dedos na parte interna do meu pulso e os mantém ali, com o dedão na parte de trás. Ele segura firme, mas com gentileza, enquanto bate o pé no ritmo da minha pulsação. É algo familiar. Me acalmo mesmo sem querer, sem perceber, e a voz de Jordan fica mais profunda quando ele se

trabalhar com ele se for preciso. Madame Simoné escolhe as duplas desses eventos como e quando acha melhor, e se tem uma chance de acabarmos juntos de novo, preciso tentar não me sentir péssima quando acontecer. Eu não sei se as pessoas mudam de verdade com o tempo, mas, pelo bem dessa competição, estou disposta a ter esperanças.

Não me dei ao trabalho de dizer que se nós ganhássemos, teríamos a bolsa de estudos. Àquela altura, quem se importava com a coroa de plástico?

— Se você acha tudo isso uma bobagem, por que está aqui? — perguntei, pegando uns tubos de cola vazios e os jogando no lixo.

Eu sabia que estava me apressando, mas não queria passar a tarde toda limpando armários. Ainda precisaria estudar e fazer lição por pelo menos uma hora quando chegasse em casa — se minhas notas piorassem e Pennington revogasse minha admissão por completo, tudo isso teria sido por nada.

— Porque faz parte de quem eu sou — ele respondeu com simplicidade, um pouco resignado. — Vem junto com ser um Jennings. Minha mãe faz parte do comitê de planejamento há oito anos, então tenho quase certeza de que ela me mataria se eu não concorresse.

Ele fez uma pausa antes de se virar para mim com um sorriso.

— Além do mais, Lighty, você não sabia? A festa de formatura é... — ele enrolou a ponta de um bigode imaginário como se estivéssemos numa Londres antiga ou algo assim — *o grande evento social da temporada*.

Eu gargalhei e um pouco da tensão que estava carregando nos ombros o dia inteiro se dissipou.

Era legal o quanto o Jordan estava sendo amigável, mas tentei não me deixar envolver por isso. Sentir-se livre para ser um tipo de pessoa quando está sozinho não diz nada sobre quem você é em público. Sei disso melhor do que qualquer pessoa.

arrogante e convencido de que é invencível, por isso não toma os remédios. Ele fez isso antes, e morro de medo que faça de novo.

— Como ela sabe o que são dados? — Robbie sussurra para mim quando a porta da frente se fecha atrás dela. Rio enquanto dreno a água ensaboada da pia. — Os idosos estão evoluindo e vão acabar com todos nós.

— O que quero dizer é: a sua blusa. Minha tia Ida tem uma coleção enorme de cardigãs. — Ela balança a cabeça. — Isso provavelmente não melhora nada, né?

— Na verdade, não.

— Eu falo muito quando fico nervosa. É péssimo. Uma vez falei para a professora de inglês que ela me lembrava o meu dentista de infância porque toda vez que chegava perto de mim, eu sentia aquele cheiro misterioso de médico, e ficava dominada pela vontade de chorar, pois me vinham lembranças de quando coloquei o aparelho bem apertado no fundamental.

Essa garota é esquisita. Tipo, esquisita de verdade. Mas eu rio de qualquer maneira, porque é uma esquisita que eu compreendo.

— Talvez a gente deva trabalhar na música juntas antes que eu comece a falar loucamente de novo? — ela pergunta.

Concordo com um gesto de cabeça.

— É um bom plano.

Fico por ali enquanto explico como a música soa com a orquestra inteira. As partes nas quais ela tem um pouco mais de liberdade para ser criativa ao tocar, tomando alguns cuidados, mesmo não estando marcado na partitura. Mack é boa. Tipo, boa *de verdade*. Ela aprende o arranjo bem mais rápido do que eu esperava, e parece ser quase sem esforço algum. O jeito que ela toca, o movimento fácil das mãos e a forma sutil que marca o tempo mexendo os lábios com as batidas, me deixa perdida em uma versão nova e renovada da música.

Eu tecnicamente fiz o arranjo, mas, com ela tocando, parece algo que nunca ouvi antes. Me sinto um pouco

## ONZE

**A competição de confeitaria** é uma tradição em que os candidatos à corte da formatura se juntam na oficina de culinária do colégio no domingo de tarde e preparam diferentes sobremesas para serem vendidas no dia seguinte em uma ação para a caridade. A parte competitiva, neste caso, é que o valor em dinheiro que sua sobremesa arrecadar é incluído na sua pontuação total. E a parte pública é que a oficina de culinária parece ter saído do *MasterChef*, com janelas altas onde deveria haver paredes.

— Como está o gloss? Melecado demais? — Lucy vira para Quinn e faz um bico com os lábios. Seu avental branco e bem-passado já está amarrado na cintura, e, apesar dos lábios melecados de gloss darem a ela um ar de garota propaganda da Covergirl, ela parece pronta para apresentar seu próprio programa em um canal culinário. — Acabei de comprar pela internet, tem diamante de verdade nele.

— Ai meu Deus, Luce! Esse é o novo M·A·C? — Quinn bate palmas. — Vai ficar ótimo nas câmeras.

Enquanto as duas não param de falar, não consigo evitar desejar ter sido pelo menos colocada ao lado da minha meio que nova amiga, Mack, que está na fileira em frente à minha, mexendo a cabeça no ritmo de batidas que ninguém mais pode